



## AS COMUNIDADES INTERPRETATIVAS: APRENDER A LER A TORÁ MESSIANICAMENTE (Rm 1,1-7)

INTERPRETATIVE COMMUNITIES:  
LEARNING TO READ THE TORAH MESSIANICALLY (Rm 1,1-7)

Claudia Janssen\*

Ivoni Richter Reimer\*

**Resumo:** O princípio hermenêutico fundamental da interpretação judaica é que a linguagem bíblica não coloca normas para todos os tempos, mas sempre necessita da interpretação comunitária. O critério decisivo é o significado que um texto bíblico tem para cada tempo. A autoridade da Bíblia anima pessoas para a esperança. Com base na interpretação de Rm 1,1-7 e Rm 15,4, este artigo mostra como a atitude diante da vida, chamada *hypomoné* (perseverança), encoraja pessoas a enfrentarem violências e desesperança em seus cotidianos. A metodologia é exegético-hermenêutica interdisciplinar, em perspectiva feminista de libertação.

**Palavras-chave:** Literatura sagrada. Comunidade interpretativa. Antijudaísmo. Crítica ao império. Interseccionalidade.

**Abstract:** The fundamental hermeneutical principle of Jewish interpretation is that the language of the Bible does not seek to set norms for all time, but always requires interpretation in community. The decisive criterion is the meaning for the respective present. The authority of the Bible gives people the strength to hope. Using the interpretation of Rom 1:1-7 and 15:4, the article shows how the life attitude of *hypomoné* (steadfastness) encourages peoples to resist violence and hopelessness in their daily lives. The methodology is exegetical-hermeneutic from a feminist liberation perspective.

\* Doutora em Ciências da Religião/Teologia pela Universität Kassel. Professora de Novo Testamento e Pesquisa Teológica de Gênero na Kirchlichen Hochschule Wuppertal/Alemanha. Sua pesquisa centra principalmente nos escritos de Paulo, em especial na carta à comunidade em Roma. Ela é coautora da obra de tradução e comentários da Bíblia em Linguagem Justa e do Dicionário Sócio-Histórico da Bíblia. E-mail: claudia.janssen@kiho-wuppertal.de

\* Doutora em Ciências da Religião/Filosofia/Teologia pela Universität Kassel, com pós doutorado em Ciências Humanas (UFSC). Docente no PPG Ciências da Religião da PUC Goiás. Pesquisadora CNPq. E-mail: ivonirr@gmail.com

**Keywords:** Sacred Literature. Interpretative community. Anti Judaism. Critique of empire. Intersectionality.

## Introdução

Em todos os tempos e em todos os lugares, a herança judaica que está registrada no Novo Testamento e na forma de organização das igrejas nas origens tem sido fonte de inspiração, debates e controvérsias. Este artigo visa contribuir, no campo da exegese e da hermenêutica, para uma leitura e pesquisa científica menos preconceituosa em relação àquilo que se convencionou chamar de legalismo judaico, que resultou em várias formas de antijudaísmo e antissemitismo. A hipótese é que o Novo Testamento está perpassado pela tradição interpretativa judaica, que associa os seus textos sagrados à respectiva atualidade. Essa também foi a perspectiva e a abordagem de Paulo. Aqui se analisa Rm 1,1-7 e Rm 15,4 para essa demonstração, partindo de uma discussão acerca de como esses textos foram interpretados e então, passo a passo, mostrando a nova análise, com categorias analíticas feministas de libertação.

## Leitura bíblica cristã?

No início do meu estudo de Teologia, em meados de 1980, tivemos que ler o texto de Ernst Käsemann, “O problema do Jesus histórico”, para uma disciplina em forma de seminário.<sup>1</sup> Naquele tempo, o artigo já completava seus 30 anos, mas, de acordo com a opinião do professor, ele ainda era atual no sentido de expressar o desafio com o qual se ocupava a exegese neotestamentária alemã. Nele, Ernst Käsemann levanta a questão se é possível encontrar, no anúncio da comunidade que nos evangelhos conecta sua própria história com a história de Jesus, uma continuidade histórica com o anúncio por ele realizado. Para o autor, o problema era a falta de critérios formais para a constatação de palavras autênticas de Jesus, a não ser numa questão: “Temos um terreno relativamente seguro apenas em um único caso, a saber, quando por quaisquer motivos uma tradição não pode ser derivada do judaísmo nem ser atribuída ao cristianismo primitivo.”<sup>2</sup> Como exemplo, ele então menciona as assim chamadas “antíteses” do Sermão da Montanha (Mt 5,21-48), nas quais, com a fórmula *egô dé légo hymin* (geralmente traduzido: “eu porém vos digo”<sup>3</sup>), Jesus de fato se colocaria acima da autoridade de Moisés:

<sup>1</sup> Este artigo é aqui mencionado como exemplo para uma tendência interpretativa daquele tempo.

<sup>2</sup> KÄSEMANN, Ernst. Das Problem des historischen Jesus [1954]. **Exegetische Versuche und Besinnungen**: Auswahl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986. p. 59-85. p. 77.

<sup>3</sup> A Bíblia em Linguagem Justa traduz: “Hoje eu vos interpreto isso assim”.



Ele deve ter sido judeu e pressupõe piedade judaica tardia, mas simultaneamente ele quebra essa esfera com sua reivindicação. A única categoria, que atende à mesma, é totalmente independente do fato se ele mesmo a utilizou e exigiu ou não, qual seja, aquela que seus discípulos então lhe atribuíram, a saber, a de Messias.<sup>4</sup>

Esse artigo de Ernst Käsemann expressa exemplarmente como, durante décadas, foi entendida a relação entre o Novo Testamento e a Bíblia Hebraica. Gerações de estudantes de Teologia, isto é, que então seriam pastores, pastoras, professores e professoras, foram formados(as) com a concepção de que o judaísmo e o cristianismo leem a Escritura de forma diferente. A ruptura com o judaísmo dependeria da concepção messiânica, ruptura essa que provavelmente já deveria ser remetida justificadamente ao próprio Jesus. O ensino de Jesus foi entendido primeiramente como crítica ao judaísmo, como libertação da observância judaica da lei e da piedade ritualizada, na medida em que ele teria anunciado a vinda do Reino de Deus e a si mesmo como Messias. Depois, a partir do evangelho, Paulo teria fundado o cristianismo, que ele, em confronto com adversários 'judaizantes' teria definido como 'livre da lei'. A ciência bíblica neotestamentária alemã foi se despedindo com muita relutância e vagar dessas concepções antijudaicas, pois no fundo trata-se, ainda hoje, da questão da identidade cristã.

### Ler a Escritura de forma nova: Hermenêutica do Novo Testamento

Já faz quase 30 anos que fiz aquele seminário. Desde então, nas ciências bíblicas internacionais, as avaliações sobre o processo histórico em que se desenvolveram o cristianismo e o judaísmo como grandezas próprias transformaram-se de forma profunda.<sup>5</sup> Essas novas considerações não se alimentam do fato de que tivessem sido descobertas novas fontes ou que existiriam novas descobertas arqueológicas sensacionais do século I, mas do fato de que novas perguntas são feitas e que perspectivas se modificam. A seguir, quero registrar brevemente essas transformações da hermenêutica neotestamentária, para mostrar, então, com base na interpretação do próêmio da carta à comunidade em Roma (Rm 1,1-7), quais são outros conhecimentos exegéticos que podemos alcançar – sobretudo também em relação ao que para Paulo significa anunciar o evangelho “de acordo com as Escrituras”.

<sup>4</sup> KÄSEMANN, 1986, p. 78.

<sup>5</sup> Ver histórico em BOYARIN, Daniel. **Abgrenzungen**. Die Aufspaltung des Judäo-Christentums. Berlin: Dortmund, 2010; COHEN, Shaye J. D. **The Beginnings of Jewishness**. Boundaries, Varieties, Uncertainties. Berkeley: University of California Press, 1999; REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA. **Lectura judía y relectura cristiana de la Biblia**. Quito, Ecuador: Verbo Divino, v. 40, n. 3, 2001.

### *Diálogo Cristão-Judeu*

O processo de transformação no qual as ciências bíblicas se encontram atualmente baseia sobretudo nos conhecimentos obtidos pelo diálogo judeu-cristão, que evidencia que a Bíblia Hebraica – o “Antigo Testamento” – e o Novo Testamento pertencem histórica e teologicamente à história do judaísmo.<sup>6</sup> O bispo luterano e biblista neotestamentário Krister Stendahl publicou um livro importante, em 1976: “Paul among Jews and Gentiles”. Já em 1978 havia uma tradução em alemão: “Der Jude Paulus und wir Heiden”. Em resumo, consta que, em vida, Paulo foi judeu e teria se compreendido como tal. Ele não teria sido convertido ao cristianismo e ele descreveria sua mudança de vida como um vocacionamento profético. Com o tema da *dikaio syne tou theou* “justiça de Deus”, sua preocupação central teria sido esclarecer a relação de pessoas judias e de pessoas de outros povos: Como pessoas de outros povos podem tornar-se herdeiras da promessa de Deus feita a Israel? Com base nesses conhecimentos, em nível internacional e muitas vezes sob o título “Nova Perspectiva sobre Paulo”, se desenvolveu um entendimento acerca de Paulo que se distancia de uma compreensão individualista e dualista de sua teologia, considerando que essa está profundamente enraizada nas tradições judaicas. Nesse sentido, registramos aqui novos estudos e perspectivas que continuam sendo realizadas, em várias partes do mundo.<sup>7</sup>

### *Leitura Sócio-Histórica e Crítico-Imperial*

Paralelamente ao diálogo cristão-judeu – e infelizmente muitas vezes desassociado nos discursos – consolidou-se a concepção de que textos bíblicos devem ser compreendidos a partir de seu contexto histórico e social. Nisso, o mundo da Bíblia não deve ser pensado de maneira muito estreita, como sendo um mundo apenas religioso, que conduz sua vida própria ao lado do cotidiano humano. Na Antiguidade, religião, política e conduta cotidiana formavam uma unidade. Exegeticamente, essa complexidade é observada principalmente no contexto da interpretação bíblica sócio-histórica, da forma como ela foi desenvolvida na Alemanha decididamente na ligação com o Grupo de Pesquisa para Interpretação Bíblica Sócio-Histórica de Heidelberg. Também nesse círculo já existe uma obra de referência: “Das Sozialgeschichtliche Wörterbuch

<sup>6</sup> Em relação a isso ver CRÜSEMANN, Frank. **Das Alte Testament als Wahrheitsraum des Neuen**. Die neue Sicht der christlichen Bibel. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2011.

<sup>7</sup> Ver, p. ex., NANOS, Mark D.; ZETTERHOLM, Magnus (Hg.). **Paul Within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle**. Minneapolis: Fortress, 2015; ver artigos de Pablo R. Ramírez, Eduardo de la Serna, Elsa Tamez, Pablo M. Férrer, Néstor O. Míguez, Ivoni Richter Reimer, César Moia em REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA. **A Carta de Paulo aos Romanos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 87, n. 2, 2022, com novas abordagens a partir do contexto latino-americano.

zur Bibel”.<sup>8</sup> Tal abordagem com referenciais teóricos e metodológicos interdisciplinares também está presente em outros países, expressamente no Brasil, no contexto da Teologia da Libertação e Feminista. Os estudos destacam que os livros do Novo Testamento tratam de experiências vivenciadas no cotidiano de pessoas no Império Romano, e se expressam criticamente contra a dominação imperial e todos os seus mecanismos senhoriais.<sup>9</sup> Em nível internacional se desenvolveu, nas últimas décadas, uma exegese crítica em relação ao império sob a palavra-chave “Paulo e o Império” e “Jesus e o Império”, a qual também acolhe impulsos de estudos decoloniais.<sup>10</sup>

### *Exegese Feminista e Estudos Teológicos sobre Gênero*

Nos estudos de gênero, consolidou-se o conceito de “interseccionalidade” para apresentar a interação de diversas dimensões da realidade cotidiana, sendo que o termo provém da palavra inglesa *section* “encruzilhada”. Essa categoria analítica torna-se importante nos estudos feministas de textos sagrados.<sup>11</sup> De acordo com essa perspectiva, origem étnica, cor de pele, sexo, idade, orientação sexual, condição econômica e outros fatores não se encontram apenas de forma aditiva lado a lado, mas se potencializam mutuamente e deveriam sempre ser considerados em seu contexto estrutural. Em Gálatas 3,26-28, Paulo cita o princípio norteador das comunidades na Galácia: “... que não há pessoa judia nem grega, nem escrava nem liberta, nem masculino nem feminino: pois vós sois todos(as) únicos(as)-um(a) no Messias Jesus”.

<sup>8</sup> O livro foi traduzido para o português e aguarda publicação, com o título Dicionário Sócio-Histórico para Estudos da Bíblia. Cf. CRÜSEMANN, Frank *et al.* (Hg.). **Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009.

<sup>9</sup> O livro organizado por RICHTER REIMER, Ivoni (org.). **Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006, é emblemático no sentido de analisar textos bíblicos de forma interdisciplinar, observando aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais para sua interpretação crítico-reconstrutiva.

<sup>10</sup> Cf. SCHOTTROFF, Luise. **Der erste Brief an die Gemeinde in Korinth**. Theologischer Kommentar zum Neuen Testament. Bd. 7. Stuttgart: [s.n.], 2013; STEGEMANN, Ekkehard W. *Anpassung und Widerstand. Anmerkungen zu einer neuen imperiumskritischen Lektüre des Paulus*. **Kul** 29. Jg. Heft 1, 2014. p. 4-17; WENGST, Klaus. **Pax Romana – Anspruch und Wirklichkeit: Erfahrungen und Wahrnehmungen des Friedens bei Jesus und im Urchristentum**. München: Kaiser, 1986, entre outros. A discussão norte americana está disponível na coleção de HORSLEY, Richard A. (Hg.). **Die ersten Christen**. Sozialgeschichte des Christentums. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2007. Na América Latina, tais esforços são feitos desde 1995, expressos por meio da REVISTA DE INTERPRETACION BIBLICA LATINOAMERICANA. **Pablo de Tarso: Militante de la Fé**. Quito, Ecuador: CLAI, v. 20, 1995; o v. 62, 2009 apresenta artigos sobre Las Voces Originarios de Pablo; sobre o Jesus Histórico, REVISTA DE INTERPRETACIÓN BIBLICA LATINOAMERICANA, v. 47, Quito, 2004; e sobre leituras anti-imperiais e decoloniais, o v. 82, n. 2, 2022 apresenta artigos sobre imperialismos, colonialismos y bíblia: pistas para lecturas decoloniales.

<sup>11</sup> A esse respeito ver JANSEN, Claudia. *Intersektionale Bibelanalyse und Gegenwart*. **ZNT** 49, 2022. p. 107-121; SOUZA, Carolina B.; RICHTER REIMER, Ivoni; SCHUCHARDT, Ketlin. *Métodos e Epistemologias Feministas nos Estudos de Religião*. In: SILVA, Roberta A. da; FUNARI, Pedro Paulo A.; CARLAN, Claudio U. (org.). **Mulheres no Cristianismo Primitivo: poderosas e inspiradoras**. São Paulo: Fonte Editorial, 2022. p. 221-247.



Nessa fórmula batismal, bem como nos atuais debates interseccionais, a relação entre os sexos não é observada de forma isolada, mas junto com outras categorias de dominação e subordinação que determinam a sociedade, contribuindo com estratégias para romper tais mecanismos e sistemas, tanto em textos bíblicos quanto na vida cotidiana de milhares de mulheres no mundo. Nas comunidades do Messias Jesus, a origem étnica, o *status* social e o sexo não fundamentaram nem devem fundamentar nenhuma hierarquia. Um breve olhar sobre a sociedade romana mostra que esse *slogan* era absolutamente incomum. Afinal, quem tinha poder e influência era o cidadão romano, livre e homem. Resultados da exegese feminista e de estudos teológicos de gênero mostram, em relação a isso, que os textos neotestamentários oferecem outras concepções de gênero que aquelas que vigoravam na sociedade romana.<sup>12</sup> Repetindo: não que tivessem sido encontradas outras e novas fontes para a pesquisa, mas a perspectiva faz emergir novos resultados. “[...] quando se produz conhecimento feminista, estamos falando do uso de metodologias e categorias diversas que têm por objetivo e por finalidade a vida e a atuação das mulheres.”<sup>13</sup> Dessa forma, resultados assim obtidos formam contrapropostas conscientes à estrutura de dominação romana e mostram a práxis relacional de comunidades. O Jesus histórico foi um único homem, mas o Cristo ressurreto está encarnado em pessoas de todos os sexos nas comunidades messiânicas, *soma Chistou* “corpo do Messias” (Rm 12,4-5; 1Co 12,27).<sup>14</sup>

### *A Autoridade da Escritura e a Responsabilidade da Comunidade*

Essas abordagens hermenêuticas e seus resultados atualmente são conhecidas pelas ciências neotestamentárias. Inclusive em livros escolares são encontradas informações sobre o judaísmo antigo ou sobre o contexto sócio-histórico no Império Romano. Nesse sentido, houve mudanças importantes no processo de formação. É verdade, contudo, que resultados de estudos teológicos de gênero e de teologias feministas são menos recepcionados em contextos de formação teológica básica, mas são mais bem aceitos, quando se trata de ‘mulheres na Bíblia’.

<sup>12</sup> Cf. MAYORDOMO, Moisés. Konstruktionen von Männlichkeit in der Antike und der paulinischen Korintherkorrespondenz. *Ev. Theol.* 68. Jg. Heft 2, p. 99-115, 2008; RICHTER REIMER, 2006. p. 72-97.

<sup>13</sup> SOUZA, RICHTER REIMER, SCHUCHARDT, 2022, p. 224. Ver também, discussão acerca dessas categorias, no contexto da p. 228: “[...] a crítica e a ciência feministas articulam hoje categorias transversais/interseccionais de gênero, raça/etnia, classe, sexualidade, idade, além dos binômios centro-periferia, norte-sul. [...] também a ecologia adentra o movimento por meio de seus sujeitos, que oferecem outros olhares e perspectivas, demandas e lutas com base nessa nova episteme que se vai construindo.”

<sup>14</sup> Cf. SÖLLE, Dorothee. Der Erstgeborene aus dem Tod. Dekonstruktion und Rekonstruktion von Christologie (1996), erneut abgedruckt. In: CRÜSEMANN, M.; JOCHUM-BORTFELD, C. (Hg.). **Christus und seine Geschwister**: Christologie im Umfeld der Bibel in gerechter Sprache. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 175-189.

Portanto, o que ainda precisa ser atualmente resolvido é construir uma visão geral dessas diferentes abordagens, bem como fazer uma fundamental reflexão sobre quais são as consequências que essa perspectiva multidimensional dos textos neotestamentários traz para a exegese.

Afinal, a mudança decisiva na interpretação bíblica resulta da visão abrangente da contextualidade de suas afirmações. Até o momento o que existe é principalmente uma justaposição de discursos, cujos resultados são incorporados – ou não – à respectiva argumentação teológica. Assim, na interpretação de parábolas, são dadas informações sócio-históricas para apresentar sua concepção de mundo, mas há uma enorme resistência no sentido de refletir mais profundamente sobre o que significa o fato dos textos neotestamentários falarem para dentro e a partir da realidade cotidiana do Império Romano. O que significa a fé no Deus de Israel diante do culto ao imperador, da supremacia romana em nível econômico, cultural, político e militar? Nas ciências históricas ocorreu, nas últimas décadas, uma mudança decisiva em relação ao Império Romano. Uma série de estudos críticos das condições de vida da maioria da população pobre nas cidades, da escravidão, do exército, da economia etc. oferecem a possibilidade de se entender melhor o mundo das pessoas nas comunidades messiânicas primitivas.<sup>15</sup> Nesse pano de fundo, fica clara a força política de muitas expressões que na história interpretativa são entendidas apenas como religiosas. O que significa concretamente para uma escrava numa casa romana, quando ela confessa que apenas o Deus de Israel é seu pai (*pater*) e não o *pater familias* ou o imperador adorado como pai da pátria (cf. Rm 1,7)? Até hoje, a relevância teológica das reivindicações práticas e cotidianas que daí resultam praticamente não são observadas na exegese.<sup>16</sup>

Enquanto isso, existe um grande esforço de evitar, sempre que possível, estereótipos antijudaicos. Não se fala mais de forma tão clara como nos anos 1950 do 'legalismo' do judaísmo, mas, por outro lado, as consequências hermenêuticas resultantes do fato de que a Torá é a base da teologia neotestamentária raramente são nomeadas. O processo de refletir teologicamente sobre o que significa que Paulo e os(as) autores(as) dos evangelhos pensam e atuam em continuidade à tradição judaica da interpretação bíblica ainda está recém no início.

O princípio hermenêutico fundamental da interpretação judaica é que a linguagem da Bíblia não quer colocar normas para todos os tempos, mas que a mesma sempre necessita da interpretação. O critério decisivo para a relevância de suas afirmações é o significado para a

<sup>15</sup> Ver também a coleção de HEZSER, Catherine (ed.). **The Oxford Handbook of Jewish Daily Life in Roman Palestine**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

<sup>16</sup> Ver uma contribuição nesse sentido em RICHTER REIMER, Ivoni. Women Protagonists, border missionaries and violent and terrified military: translation, analysis and interpretation of Acts 16. In: DIEVENKORN; Sabine; LEVIN, Shaul (eds.). **[Re]Gained in Translation I: Bible, Theologies, and the Politics of Empowerment**. Berlin: Frank & Timme GmbH Verlag, 2022a. p. 163-182.

respectiva atualidade.<sup>17</sup> Na Bíblia, pessoas falam de sua experiência com Deus e da esperança que elas partilham com outras pessoas. Quem interpreta a Bíblia coloca-se nessa tradição. Na tradição bíblica, a autoridade da Escritura é indissociável da comunidade que a carrega, com a qual está vinculada, e ela é sempre interpretação: “Simplesmente ler os textos, ou referir-se a eles sem interpretação era aparentemente percebido como sem sentido. O texto da Escritura não fala por si mesmo!”<sup>18</sup> Com isso, Kathy Ehrensperger remete para a importante responsabilidade da comunidade interpretativa, que responde aos textos com a sua vida, com a sua *response-ability*. Essa basearia sobre relações em reciprocidade, justiça e amor à vida.

Essa interpretação comunitária se coloca contrária às estruturas sociais que destroem vida, às quais pessoas estão expostas, seja no contexto do Império Romano ou em nossa contemporaneidade. A autoridade da Bíblia empodera pessoas, mas esse é um poder que é compartilhado mutuamente<sup>19</sup> e que se orienta pela vida e pelas necessidades de quem se encontra na margem inferior da sociedade – em meio à comunidade e no mundo. Esse modelo de interpretação da Escritura tem suas fontes na própria Escritura.<sup>20</sup>

## Paulo e a Escritura

Para melhor compreender como é a relação do apóstolo Paulo com a Escritura e suas tradições, bem como seu ensino e aprendizado para e junto às comunidades, segue-se o destaque de suas próprias palavras, no proêmio.

Para a Comunidade em Roma (Rm 1,1-7)

O proêmio oferece a mensagem geral da carta à comunidade em Roma em forma sucinta, temas centrais são colocados de maneira formal e então são desenvolvidos nos capítulos que seguem. O filósofo Giorgio Agamben realizou todo um seminário apenas com base nas primeiras dez palavras desse proêmio. Ele descreve a sua questão fundamental e as tarefas exegéticas dela oriundas assim: “O que significa viver no Messias, o que é a vida messiânica? E

<sup>17</sup> Cf. SAFRAI, Shmuel. Oral Tora. In: SAFRAI, S. (ed.). **The Literature of the Sages**. Part 1: Oral Torah, Halakha, Mishna, Tosefta, Talmud, External Tractates (Compendia Rerum Iudaicarum Ad Novum Testamentum). Minneapolis: Fortress, 1987. p. 35-119.

<sup>18</sup> EHRENSPERGER, Kathy. Paul and the Authority of Scripture. A Feminist Perception. In: PORTER, Stanley E.; STANLEY, Christopher D. (ed.). **As it is Written**. Studying Paul’s Use of Scripture. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008. p. 307.

<sup>19</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **Macht und Gewalt**. München/Zürich: [s.n.], 1970.

<sup>20</sup> Cf. TASCHNER, Johannes. Lehren/Lernen. In: CRÜSEMANN, Frank *et al.* (Hg.). **Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 348-353.



em que consiste a estrutura do tempo messiânico? Essas questões, que são as questões de Paulo, também devem ser as nossas questões.”<sup>21</sup>

Paulo, escravo do Messias Jesus (Rm 1,1)

Paulo, *doulos Xristou Iêsou*, assim ele se apresenta às comunidades em Roma. Ele se nomeia *doulos* “escravo”, a fim de caracterizar sua relação com o Messias Jesus, em cujo nome ele fala. Também oficiais romanos se nomeavam como “escravo” ou “mensageiro” do imperador<sup>22</sup>. Simultaneamente, o termo “escravo(a)”, no hebraico *ebād*, também é a autodesignação de profetas/profetisas e outros personagens da história bíblica, que, com isso, expressam sua relação com Deus e evidenciam que atuam em nome de seu “senhor”.<sup>23</sup> Mas mesmo que Paulo pretendesse colocar-se nessa linha, o termo *doulos* não indicava para nenhuma honra na realidade social de uma cidade antiga como Roma ou Corinto, onde ele se encontrava no tempo da escrita da carta. Aqui a escravidão fazia parte do cotidiano.<sup>24</sup>

“Cristo Jesus” é a confissão que afirma que Jesus é o Messias do povo judeu. Isso não era uma afirmação inofensiva, apenas religiosa, mas tinha simultaneamente também um caráter político de resistência. Afinal, a caracterização *Christós*, que reproduz a palavra hebraica *Maschiah*, evidencia que Paulo se apresentou com a alegação de falar em nome do Jesus rebelde, assassinado por Roma. Isso não era entendido assim apenas dentro do judaísmo, mas fontes romanas também mostram que a designação Cristo/Messias era conhecida e que pessoas assim designadas ou também aquelas que pertenciam ao grupo de seguidores(as) deviam contar com perseguição.<sup>25</sup> Diante do contexto dessa situação fica evidente que Paulo, já com as primeiras palavras da carta, coloca um sinal bem compreensível para seus endereçados(as). Mesmo que ele não critique explicitamente o imperador em nenhuma passagem da carta, ou

<sup>21</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Die Zeit, die bleibt**. Ein Kommentar zum Römerbrief. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2006. p. 27.

<sup>22</sup> Documentos em JEWETT, Robert. **Romans**. A Commentary. Minneapolis: Fortress, 2007. p. 96-97, 100-101; cf. também DEISSMANN, Adolf. **Licht vom Osten**. Das Neue Testament und die neuentdeckten Texte der hellenistisch-römischen Welt. Tübingen: [s.n.], 1909. p. 286.

<sup>23</sup> Profetas em Is 7,25; 25,4; Am 3,7; Dn 9,6.10; em relação a Moisés: Sl 104,26 LXX; Davi: Sl 77,70 LXX; na literatura judaica em período romano: 1 QpHab 2,8-9; 7,5; 1QH 1,3; 4. Esra 1,32; 2,1.18.

<sup>24</sup> Cf. MARTIN, Clarice J. Es liegt im Blick – Sklaven in den Gemeinschaften der Christus-Gläubigen. In: HORSLEY, Richard A. (Hg.). **Die ersten Christen**. Sozialgeschichte des Christentums. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2007. p. 251-270. Ver também os mecanismos do sistema romano de dominação escravocrata em RICHTER REIMER, 2006, p. 73-96.

<sup>25</sup> Cf. SMALLWOOD, E. Mary. **The Jews under Roman Rule from Pompey to Diocletian**. Leiden: E. J. Brill, 1981. p. 351: “... the messiah was expected from the house of David, messianic hopes had contributed to the outbreak of the revolt in 66, and Rome was anxious to forestall any recurrence of movements such as had disturbed the province periodically before it.” Acerca da perseguição de grupos messiânicos judeus, cf., entre outros, Suetônio, Tiberius 36; Suetônio, Claudius 25,4; Tacitus, Annalen 15.44.

ofereça uma crítica sistemática ao sistema de dominação romano, torna-se evidente que ele conhece a sua propaganda imperial e se coloca de forma subversiva no contexto.

... chamado para ser apóstolo para anunciar o evangelho de Deus

A segunda autodesignação de Paulo é *apóstolos*. Também o termo “apóstolo” não caracteriza primeiramente uma função religiosa, mas na linguagem grega significa “o enviado”. Paulo se entende como *klêtos apóstolos*, como enviado que para tal foi “chamado” por Deus.<sup>26</sup> Em 1Co 15,8-10 e Gl 1,15-16, ele mostra quão importante lhe era essa missão. De acordo com as suas palavras, trata-se de ser “separado” para anunciar o evangelho de Deus.<sup>27</sup> O termo *euangelion* assume a linguagem veterotestamentária e acentua sobretudo o caráter escatológico da mensagem salvífica divina.<sup>28</sup> Essa palavra também era usada no contexto neotestamentário, p.ex., no culto ao imperador, onde ela designava o dia do nascimento do César Augusto “divino”.<sup>29</sup> Para ouvidos romanos, esse anúncio significa um sinal claro: a mensagem da intronização de um novo senhor. O filósofo judeu Jacob Taubes, numa aula sobre a carta à comunidade em Roma, descreveu de forma concisa a provocação que perpassa o proêmio:

Eu estou aqui sentado, leio o texto e penso: Ele ficou doido, enviando para Roma justamente um texto que o torna coautor de sua condenação? Por que ele anuncia logo no proêmio sua postura anti-César? Isto é um achado para a censura! Trata-se, pois, de um universalismo, o qual, contudo, significa a eleição de Israel [...].<sup>30</sup>

Dessa forma, colocando-se como apóstolo de Senhor Jesus Cristo, Paulo efetivamente toma distância e assume uma postura crítico-profética em relação aos poderes imperiais.

... anunciado nas Escrituras sagradas (Rm 1,2)

O evangelho que Paulo traz como enviado já teria sido anunciado anteriormente por profetas e profetisas nas Escrituras sagradas (*en grafais hagiáis*) – ele está de acordo com a Escritura. Isso é importante para Paulo. Numa outra passagem, ele diz que seu anúncio em lugar

<sup>26</sup> Também profetas e profetisas veterotestamentários se entendiam como enviados: Is 6,8; Jr 1,7; Ez 2,3; cf. também Lv 20,26; Is 29,22; Ez 45,1; Jr 1,5.

<sup>27</sup> A concepção de ser separado descreve a pertença a Deus, que fundamenta a missão especial, cf. Ex 13,12; Nm 15,20; Lv 13,4; 20,26.

<sup>28</sup> Cf. Especialmente Is 52,7; em relação a esta passagem, ver EHRENSPERGER, Kathy. **Paul and the Dynamics of Power**. Communication and Interaction in the Early Christ Movement. London/New York: T&T Clark, 2009. p. 96.

<sup>29</sup> Em relação a isso, ver já o que afirmava DEISSMANN, 1909, p. 276-77. Nesse contexto, ele remete a uma inscrição de Priene (OGIS II 458), que se refere ao imperador Augusto (9a.C.), bem como a um fragmento de Papiro do séc.III, que nomeia a nomeação de G. Julius Verus Maximus para imperador de “*euangelion*”.

<sup>30</sup> TAUBES, Jacob. **Die politische Theologie des Paulus**. 2. Aufl. Aleida Assmann et al. (Hg.). München: [s.n.], 1995. p. 38.

algum vai além da Escritura (1Co 4,6).<sup>31</sup> Reportando-se a profetas e profetisas simultaneamente ele se conecta à crítica social contra a dominação imperial, bem como à promessa da vinda do Reino de Deus.<sup>32</sup> Nos relatos de Josefo fica claro que a resistência judaica no período greco-romano era realizada de forma especial por meio de movimentos profético-messiânicos e alguns personagens especiais.<sup>33</sup> Para Paulo, o evangelho que ele anuncia está em continuidade com a história de Deus com o povo Israel.

... sobre o Filho de Deus (Rm 1,3-4)

O conteúdo e o tema central da boa nova é o Messias e a seu reconhecimento como Filho de Deus<sup>34</sup> e Senhor (*kyrios*). De acordo com a sua origem na carne (*kata sarka*), ele é apresentado como descendente de Davi e com isso é colocado claramente na tradição bíblica messiânica (cf. 2Sm 7,3-17). Nos elementos particulares dessa confissão ecoa o Salmo 2 (LXX) (cf. Mc 1,11):

2 [...] Reis da terra colocam-se em marcha, dominadores se reúnem contra o *Kyrios* e seus enviados (*toi Christou autou*) [...].  
6 Eu fui introduzido por ele como rei em Sião, seu monte sagrado. [...]  
7 [...] O *Kyrios* falou para mim: Meu filho (*hyios mou*) és tu. Eu hoje te fiz nascer.  
8 Pede para mim – e eu te dou povos (*ethne*) para tua herança [...].  
10 E agora: Poderosos, mostrai entendimento! Estejai admoestados vós, que julgais a terra! Deixai-vos instruir vós todos, que julgais a terra.  
11 Servi ao *Kyrios* com respeito, jubilai e tremei! [...]

Esse Salmo, que apresenta a intronização de um rei-messias, surgiu no período pós-exílico, num tempo de necessidade e de uma difícil reconstrução após a destruição. Israel está cercado por grandes potências e em muitos aspectos encontra-se à sua mercê. Nesse tempo, a intronização de um senhor mundial judeu é uma utopia. Klara Butting esclarece que parece tratar-se de um “teatro absurdo, quando Deus, com seu 'reizinho', quer parar uma elite de poder global. [...] Nesse mundo esquecido por Deus, Deus reivindica o centro do poder político como seu espaço.”<sup>35</sup> O Messias seria apresentado como um rei poderoso em perspectiva universal, mas então se apresentaria bem diferente do que os reis dominantes, na medida em que ele fala com os povos e se torna seu mestre da Torá (Sl 2,10-12).

<sup>31</sup> Cf. CRÜSEMANN, 2011, p. 105.

<sup>32</sup> A respeito da recepção de Isaías em Paulo, ver WAGNER, J. Ross. **Heralds of the Good News: Isaiah and Paul, in Concert, in the Letter to the Romans**. Leiden: Brill, 2002.

<sup>33</sup> Veja os documentos em MEYER, Rudolf. **Der Prophet aus Galiläa**. Studie zum Jesusbild der drei ersten Evangelien. Reprografischer Nachdruck der Ausgabe Leipzig 1940. Darmstadt: [s.n.], 1970.

<sup>34</sup> Cf. também Rm 1,9; 8,3.29.32; 1Co 1,9; 15,28; 2Co 1,18-19; Gl 1,15-16; 4,4-5; At 9,20; 13,33. Sobre o contexto messiânico judaico, ver JEWETT, 2007, p. 103-108.

<sup>35</sup> BUTTING, Klara. Das Private wird politisch. Über die Messias erzeugende Kraft der Psalmen. In: SCHÄFER-BOSSERT, S.; HARTLIEB, E. (Hg.). **Feministische Theologie – Politische Theologie**. Entwicklungen und Perspektiven. Sulzbach/Taunus: Ulrike Helmer Verlag, 2012. p. 76-77.

A esperança de um Messias, a qual se torna visível nos Salmos, está ligada principalmente a Davi:

O nome Davi traz à memória o pequeno espaço de tempo em que Israel existia como unidade nacional naquela terra. Seu nome representa a esperança de que [...], apesar de todos os conflitos espaço-temporais, é possível construir uma convivência autodeterminada. [...] Justamente ali, onde pessoas isoladas e sofridas tomam a palavra é que se realiza a ligação com Davi.<sup>36</sup>

Butting mostra que, nesse contexto, Davi não é visto em primeira linha como indivíduo histórico, mas como uma grandeza que recebeu forma na comunidade expressa em oração: “Por meio dos Salmos, as pessoas que oram são inseridas numa existência messiânica. Elas descobrem a própria força messiânica e a praticam.”<sup>37</sup>

Essa ambivalência de impotência política e de reivindicação universal também marca o anúncio paulino, cujo conteúdo é o senhorio mundial de um revolucionário executado por Roma. Em sua confissão, Paulo assume a tradição bíblica, de acordo com a qual o Messias descende de Davi.<sup>38</sup> Com isso, Paulo o descreve como salvador escatológico e simultaneamente como um contra-personagem aos atuais senhores: *hyios tou theou* “Filho de Deus” e *kyrios* “senhor”, nessa sequência, no Império Romano eram atributos destinados exclusivamente ao imperador; os mesmos estavam espalhados sobre moedas e inscrições em todo o Império Romano.<sup>39</sup>

Por meio da ressurreição dos mortos, o Messias é introduzido como Filho de Deus (*horisthentos* – cf. também Sl 2,12 LXX) e dotado de poder (*dynamis*). Sua intronização é realizada por meio da santidade do poder do Espírito (*kata pneuma hagiosynês*).<sup>40</sup> Nisso, a ressurreição dos mortos é mencionada como o evento central no contexto de sua nomeação. Assim como no Sl 2,7 o rei-messias é nascido de Deus no momento de sua intronização (hoje!), assim Jesus é introduzido como Messias e Filho de Deus no momento da ressurreição, e, como tal, ele é “nosso” *Kyrios*. Seu “senhorio” é bem diferente daquele realizado pelos *Kyrioi* “senhores” atuais (cf. também 1Co 8,5-6): ele leva o evangelho de Deus para o mundo e isso acontece por meio da comunidade escatológica, que é comissionada a ensinar em seu nome.

<sup>36</sup> BUTTING, 2012, p. 78.

<sup>37</sup> BUTTING, Klara. **Hier bin ich**: Unterwegs zu einer biblischen Spiritualität. Uelzen: Erev-Rav, 2011. p. 32.

<sup>38</sup> Ver Mt 1,1; Lc 1,32; 3,23; Mc 12,35, entre outros; cf. também Sl 17,21ss.

<sup>39</sup> Acerca da representação de poder e divindade do imperador em moedas romanas, ver HOWGEGO, Christopher. **Geld in der antiken Welt**. Eine Einführung. 2. Aufl. Darmstadt: Verlag Philipp von Zabern, 2011. p. 88-100.

<sup>40</sup> Cf. Is 63,10-11; Sl 50,13; Test. Levi 18,11.

... para que todos os povos ouçam Deus e nele confiem (Rm 1,5-6)

“... por meio dele nós recebemos *charis* e *apostolé*”. Chama a atenção que agora Paulo muda a fala para o plural: enquanto que no versículo 1 ele se apresenta pessoalmente como *apóstolos*, em 1,5 ele fala da graça e da *apostolé*, que “nós” recebemos.<sup>41</sup> Mensageiros(as) devem contribuir “para que todos os povos ouçam Deus e nele confiem” (*hypakoê pisteôs en pasis tois ethnesin*). Conforme o SI 2,10-12, o governo do messias-rei consiste em tornar-se mestre da Torá para os povos e, assim, colocá-los sob as instruções de Deus. De acordo com Paulo, o Messias Jesus está justamente nessa tradição. Após a ressurreição e intronização como Filho de Deus, sua missão foi passada para mensageiros(as) que para tal foram chamados(as) por Deus (1,8). Em Rm 8, ele descreve explicitamente esse conceito cristológico. Para ele, todas as pessoas que se deixam orientar pelo poder do Espírito divino são filhas e filhos de Deus (8,14), o Messias Jesus está entre os muitos irmãos e irmãs (*adelphoi*) do primogênito (8,14). Assim como ele, todos(as) receberam o poder do Espírito como “graça da primícia” (8,23).<sup>42</sup> Assim, “ressurreição dos mortos” significa concretamente que a missão do Messias de ensinar a Torá agora é a missão da comunidade messiânica (cf. também Mt 28,19-20). Com isso, para Paulo, a noção da intronização do Messias não está ligada a uma 'cristologia de dominação' hierárquica, que se orienta individualmente na pessoa de Jesus de Nazaré. Para ele, o Messias é uma grandeza coletiva, que toma forma no ensinar e aprender conjunto da comunidade messiânica, isto é, se corporifica no *soma Christou* “corpo de Cristo”.

É bem clara a perspectiva global dessa missão, que se dirige a “todos os povos”. Esse horizonte global foi constatado muitas vezes, mas muitas vezes também com implicações antijudaicas.<sup>43</sup> Historicamente, para o tempo da escrita da carta à comunidade em Roma é preciso pressupor que os(as) endereçados(as) de Paulo estavam localizados no contexto sinagoga judeu da cidade e que pessoas do povo judeu e de outras origens étnicas se encontravam na comunidade messiânica.<sup>44</sup> No conjunto da carta fica claro que ele se dirige aos dois grupos, e não apenas a um deles, e em Rm 9-11 ele explicitamente expõe o seu pensamento e seus argumentos teológicos para a convivência de ambos os grupos.<sup>45</sup>

<sup>41</sup> A respeito do “nós” da comunidade como grandeza escatológica, ver SCHOTTROFF, 2013, p. 50.

<sup>42</sup> Cf. JANSSEN, Claudia. Christus und seine Geschwister (Röm 8,12-17.29f). In: CRÜSEMANN, M.; JOCHUM-BORTFELD, C. (Hg.). **Christus und seine Geschwister**. Christologie im Umfeld der Bibel in gerechter Sprache. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 64-80.

<sup>43</sup> Ver a discussão em WENGST, Klaus. “**Freut euch, ihr Völker, mit Gottes Volk!**” Israel und die Völker als Thema des Paulus – ein Gang durch den Römerbrief. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 2008. p. 145.

<sup>44</sup> Ver NANOS, Mark D. **The Mystery of Romans**. The Jewish Context of Paul's Letter. Minneapolis: Fortress, 1996. p. 21-84.

<sup>45</sup> Ver RICHTER REIMER, Ivoni. Todo Israel será salvo? Um estudo de Romanos 9-11. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, São Bernardo do Campo, v. 87, n. 2, p. 111-131, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.15603/1676-3394/ribla.v87n2p111-131>.



Na Antiguidade, *ethnos* significava sempre algo diferente, dependendo da perspectiva em que estava sendo usado: na visão judaica, a *ethne* são os “outros” povos em comparação com Israel (*laós* “povo”). Na visão romana, a *ethne* são os povos dominados – inclusive Israel e povos da província da Síria/Judeia.<sup>46</sup> Por isso, o termo deve ser interpretado sempre a partir do contexto e da perspectiva em que é usado, e a quem se refere. Aqui não há nenhum automatismo: em Jo 11,48, o termo *ethnos* designa o povo judeu, apesar de esse enunciado ser proferido por parte judaica. Por isso é de se questionar se Paulo, com a afirmação “a esses também eu pertença” realmente se dirige apenas à parte não judaica da comunidade e, com isso, fala a ela como comunidade não judaica. Na lista de saudações, os(as) endereçados(as) são explicitamente também os *syngeneis* “parentes” judaicos (16,7.11; cf. 2,17; 3,9, entre outros). Com a missão de trazer o evangelho a “todos os povos”, Paulo reforça ainda mais a perspectiva anti-imperialista da boa nova: “Senhor de todos os povos” era, na perspectiva de Roma, apenas o imperador.<sup>47</sup>

... para todos amados e amadas em Roma (Rm 1,7)

Os(as) endereçados(as) da carta são chamados(as) de “amados(as) por Deus” (*agapêtoi*) e aqui Paulo se refere uma vez mais a seu vocacionamento como “santos(as)” (*hagioi*). Klaus Wengst explica: “Na tradição bíblica judaica, Israel é considerado amado (cf. Dt 7,7-8) [...] E a dádiva da Torá é considerada como sinal especial do amor de Deus.”<sup>48</sup> Na medida em que Paulo, com sua missão, se entende como enviado aos povos, por meio de seu anúncio da Torá ele lhes possibilita participar do amor de Deus para com Israel.<sup>49</sup> Eles se tornam parte do povo de Deus e, assim, “santos” (cf. Lv 19,2). Deus se volta a eles com graça (*charis*) e os acolhe no *shalom* divino, na paz (*eirene*), que significa felicidade, bem estar e salvação. Essa palavra se dirige a pessoas oriundas do judaísmo e da gentilidade, que convivem comunitariamente, também na complexidade dos conflitos.<sup>50</sup>

Essa palavra no final do proêmio é mais que uma fórmula que promete vida boa para os(as) endereçados(as). Paulo descreve a mudança de senhorio, ao qual se dispuseram ao

<sup>46</sup> Cf. LOPEZ, Davina C. **Apostle to the Conquered**. Reimagining Paul's Mission. Minneapolis: Fortress, 2008.

<sup>47</sup> Cf., p. ex., ARISTIDES *apud* KLEIN, Richard. **Die Romrede des Aelius Aristides**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981.

<sup>48</sup> WENGST, 2008, p. 146.

<sup>49</sup> De acordo com Dt 7,7-8, o amor de Deus se concretiza na realização das promessas de Deus; cf. Também Dt 6,4ss.

<sup>50</sup> Ver RICHTER REIMER, 2022b, p. 116, onde destaca que, para superação dos conflitos e para a vida em santidade “Paulo apresenta obras escriturísticas como apoio, as quais servem simultaneamente como argumento de combate frente a sujeitos-vozes que representam grupos/vertentes divergentes e hostis em relação a ele e à sua posição.”

ingressar na comunidade. Somente Deus é pai (*pater*<sup>51</sup>), e não Zeus/Júpiter<sup>52</sup> ou o *patêr patridos* (grego)/*pater patriae* (latim), um título de honra primeiramente dado a Augusto<sup>53</sup> e então atribuído a todos os outros imperadores. A comunidade vive na paz de Deus, e não na *pax romana*<sup>54</sup>. O Messias Jesus é seu *kyrios*, e não o imperador em Roma.<sup>55</sup> O pertencimento das pessoas de outros povos ao Deus de Israel, sua “adoção” como filhos e filhas de Deus<sup>56</sup> acontece por meio da dádiva da Torá, da acolhida na comunidade interpretativa, do ensinar e aprender conjunto da Escritura.

#### *Empoderamento e Resistência (Rm 15,4)*

Em sua carta, Paulo pressupõe que suas diversas referências à Torá são entendidas e que os(as) endereçados(as) podem realizar um diálogo próprio com a Escritura, também aqueles(as) de origem não judaica. Da vida nas comunidades fazia parte a leitura conjunta da Torá e o aprendizado conjunto (cf. Rm 12,7).<sup>57</sup> Para as pessoas que, em outros contextos nas cidades do Império Romano, não tinham acesso à formação, essas comunidades interpretativas eram espaços nos quais elas tinham possibilidades de partilha e de educação, às quais não tinham acesso em outros lugares.

Nas traduções da carta à comunidade em Roma, feitas para a Bíblia em Linguagem Justa<sup>58</sup>, ficou muito claro para mim o quanto esse princípio do aprender a partir da Escritura é fundamental. Uma de nossas decisões para a tradução foi de colocar citados em itálico, bem como, quando tivesse sentido, alusões que não são citações literais. Nisso eu constatei que Paulo praticamente introduz cada linha de raciocínio com uma frase da Escritura e que, na interpretação da Torá, desenvolve seus argumentos. Muitas vezes trata-se de um verdadeiro

<sup>51</sup> Veja também Ex 4,22; Os 11,1.3; Jr 3,4.19; 31,9, entre outros.

<sup>52</sup> Cf. Vergílio, Aeneis 1,254.

<sup>53</sup> Cf. Augusto, Res gestae 35 em: AUGUSTUS. **Schriften, Reden und Aussprüche (Texte zur Forschung)**. Bd. 91. Klaus Bringmann; Dirk Wiegandt (Hg.). Darmstadt: [s.n.], 2008; ver também ALFÖLDI, Andreas. **Der Vater des Vaterlandes im römischen Denken**. Darmstadt: [s.n.], 1971.

<sup>54</sup> HAACKER, Klaus. **Versöhnung mit Israel**. Exegetische Beiträge. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2002. p. 111-126., caracteriza a carta à comunidade em Roma como um memorando de paz, por causa do frequente uso do vocábulo *eirênê*: Rm 1,7; 2,10; 3,17; 5,1; 8,6; 14,17.19; 15,13.33; 16,20.

<sup>55</sup> Acerca dos aspectos político, militar, econômico, legal e religioso da *pax romana*, respectivamente *pax augustana*, ver WENGST, 1986, p. 19-71.

<sup>56</sup> Ver em CRÜSEMANN, Marlene. **Gott ist Beziehung**. Beiträge zur Rede von Gott. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2014. p. 225.

<sup>57</sup> Acerca do ensino da Torá nas comunidades, ver SCHOTTROFF, 2013, p. 160-162.

<sup>58</sup> Nota da tradutora: A Bíblia em Linguagem Justa (*Die Bibel in gerechter Sprache*) é obra resultado de trabalho de pesquisa em equipe, com colaboração de muitos(as) pesquisadores(as) da Bíblia, sob coordenação de Ulrike Bail, Frank Crüsemann, Marlene Crüsemann, Erhard Domay, Jürgen Ebach, Claudia Janssen, Hanne Köhler, Helga Kuhlmann, Martin Leutzsch e Luise Schottroff e foi publicada em sua 1. edição, em 2006. Além desse produto, também foi publicado uma série de outras obras e materiais, entre elas o Dicionário Sócio-histórico para Estudo da Bíblia, por nós traduzido, ainda não publicado.

diálogo com perguntas e respostas, que ele realiza com a Escritura. Isso fica especialmente evidente em Rm 9-11.<sup>59</sup> Contudo, o princípio ‘Diálogo-Escritura’ caracteriza a carta desde o início. Paulo mesmo fundamenta essa metodologia em 15,4: “Tudo o que foi escrito antigamente foi feito para que nós disso aprendamos e para que tenhamos esperança por meio da resistente paciência e do encorajamento oriundo das Escrituras.” O “nós” da comunidade do aprendizado e da interpretação é, assim, constantemente o sujeito de seu pensar e de seu agir: *eis tēn hēmeteran didaskalian* “para o nosso ensino”.

O objetivo do aprendizado é que “nós” possamos obter esperança (*elpis*) por meio do poder das Escrituras, o que Paulo descreve com as palavras *hypomoné* e *paraklêsis*. *Paraklêsis* e o verbo correspondente *parakalein* é central para o uso de linguagem paulina. Geralmente o termo é traduzido com “admoestação” e “admoestar”. Contudo, uma compreensão autoritária não consegue reproduzir o sentido da palavra. No antigo uso de linguagem, ela é utilizada para possibilitar relações que baseiam em confiança, cuidado mútuo e respeito.<sup>60</sup> Marlene Crüsemann mostra que para Paulo, na segunda carta à comunidade em Corinto, interessa criar um sistema composto pela *paraklêsis*, de consolo e apoio em relações de mutualidade.<sup>61</sup> Assim como também a *cháris* (cf. Rm 1,7), a *paraklêsis* teria sua origem em Deus e seria passada adiante numa circularidade contínua (cf. 2Co 1,3-5.11). Na medida em que Deus é bendito como fonte de todo consolo e de toda misericórdia, a bênção retornaria para sua origem:

Em princípio, a palavra contém o movimento de ‘morte em direção à vida’. Também a palavra hebraica para ‘consolar’ (*nchm pi.*), que deveria ser a base do uso paulino de *parakalein*, significa salvação para a vida por meio de Deus. [...] Nesse sentido, os consolos mútuos de 2Coríntios descrevem que todas as pessoas ligadas desta forma continuamente chamam e podem chamar umas às outras de volta à vida.<sup>62</sup>

De acordo com Rm 15,4, essa força de vida brota da Escritura para as pessoas, junto com a *hypomoné*. Esta palavra significa paciência, contudo não como uma espera passiva, mas ela é pensada em forma de resistência, como perseverança. Com *hypomoné*, a tradição judaica descreve uma postura de vida, “que tem origem nas esperanças do futuro de Deus”<sup>63</sup>, que

<sup>59</sup> Exegese e interpretação de Rm 9-11, com observação dessa tradução justa, ver RICHTER REIMER, 2022b, onde, na p. 116, consta: “por meio do gênero literário por ele adotado, Paulo objetiva influenciar opiniões num processo dialógico educativo, buscando discernimento e decisão em favor dos seus argumentos e de sua convicção e, assim, receber o apoio da igreja em questão.”

<sup>60</sup> Cf. EHRENSPERGER, 2009, p. 174-177.

<sup>61</sup> CRÜSEMANN, Marlene. *Trost, Charis und Kraft der Schwachen: Eine Christologie der Beziehung nach dem zweiten Brief an die Gemeinde in Korinth.* In: CRÜSEMANN, M.; JOCHUM-BORTFELD, C. (Hg.). **Christus und seine Geschwister: Christologie im Umfeld der Bibel in gerechter Sprache.** Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 111-137.

<sup>62</sup> CRÜSEMANN, 2009, p. 189.

<sup>63</sup> SCHOTTROFF, Luise. *Widerstandskraft.* In: SCHAUMBERGER, C.; SCHOTTROFF, L. **Schuld und Macht.** Studien zu einer feministischen Befreiungstheologie. München: Kaiser, 1988. p. 88-124. p. 103.



descreve uma resistência cotidiana, que concede às pessoas a coragem de realizar pequenos passos contra violência e desesperança.

### **Concluindo: Ler a Escritura Messianicamente**

Tal maneira de ler a Escritura, que é capaz de encorajar diante da desesperança e da violência, também é necessária no presente – especialmente numa situação, em que cada vez mais é menos óbvio ler a Bíblia e confiar que nela se encontram orientações para a vida. Essa leitura se contrapõe a todas as apropriações fundamentalistas, às quais apenas interessa defender sua própria posição com passagens da Escritura. A questão decisiva para todas as interpretações deve ser: De onde vem a esperança, o que dá coragem e força para resistir à injustiça e violência? Pois acerca dessas questões nós também podemos nos entender com pessoas que têm outra concepção de vida ou que não são religiosas. No momento em que critérios como 'certo' ou 'errado' são colocados, ou em que um 'nós' é contraposto aos 'outros', fecha-se a Escritura.

Olhar para a comunidade interpretativa é a abordagem crucial para a hermenêutica da atualidade. Trata-se de um grande desafio para teologias e igrejas, ou seja, não pensar o 'nós' da comunidade interpretativa como demarcação, seja em relação a outros grupos dentro da própria religião ou em relação ao judaísmo, ao islamismo ou outras religiões. Todo diálogo haverá de sucumbir, caso o respectivo 'outro' for entendido como uma grandeza que se define em contraste com outras grandezas. De forma especial para a teologia cristã, essa hermenêutica oferece a chance de desaprender o antijudaísmo, o qual acompanhou o início do cristianismo desde o século II e que ainda hoje tem suas fortes marcas.

A missão que a comunidade interpretativa messiânica recebeu é de transmitir hoje para o mundo a orientação de Deus. Durante muito tempo isso foi entendido como 'ordem de missão' de expandir o evangelho no mundo todo, e em muitos casos também com violência. As consequências da história colonial cristã têm influências ainda hoje.<sup>64</sup> Em relação a isso, entender o “senhorio” do Messias como possibilidade para um aprendizado conjunto abre novos espaços de entendimento com pessoas de “todos os povos”. Levar a sério o Messias como mestre da Torá significa sobretudo perguntar o que nós temos que aprender de forma nova.

Rm 1,7 menciona *charis* e *eirene* – graça e paz – como dádivas que são entregues a pessoas aprendizes. Em Rm 15,4 trata-se de *hypomoné*, *paraklêsis* e *elpis* – paciência resistente, encorajamento e esperança. Esses termos descrevem aquilo que hoje é apresentado como empoderamento: poder e relação que dão coragem e esperança para as pessoas. Essas

<sup>64</sup> Ver NEHRING, Andreas; TIELESCH, Simon (Hg.). **Postkoloniale Theologien**: Bibelhermeneutische und kulturwissenschaftliche Beiträge. Stuttgart: Kohlhammer, 2013.



palavras são fontes de força para uma vida que confia no presente do Reino de Deus também e especialmente em meio à violência, destruição, doença e morte. Compreender significa, hoje, assumir comunitariamente responsabilidade para com este mundo, a fim de que todas as criaturas possam viver a graça da vida que nos foi concedida pelo amor misericordioso de Deus.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Die Zeit, die bleibt**. Ein Kommentar zum Römerbrief. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2006.
- ALFÖLDI, Andreas. **Der Vater des Vaterlandes im römischen Denken**. Darmstadt: [s.n.], 1971.
- ARENDT, Hannah. **Macht und Gewalt**. München/Zürich: [s.n.], 1970.
- AUGUSTUS. **Schriften, Reden und Aussprüche (Texte zur Forschung)**. Bd. 91. Klaus Bringmann; Dirk Wiegandt (Hg.). Darmstadt: [s.n.], 2008.
- BOYARIN, Daniel. **Abgrenzungen**. Die Aufspaltung des Judäo-Christentums. Berlin: Dortmund, 2010.
- BUTTING, Klara. Das Private wird politisch. Über die Messias erzeugende Kraft der Psalmen. In: SCHÄFER-BOSSERT, S.; HARTLIEB, E. (Hg.). **Feministische Theologie – Politische Theologie**. Entwicklungen und Perspektiven. Sulzbach/Taunus: Ulrike Helmer Verlag, 2012. p. 76-77.
- BUTTING, Klara. **Hier bin ich**: Unterwegs zu einer biblischen Spiritualität. Uelzen: Erev-Rav, 2011.
- COHEN, Shaye J. D. **The Beginnings of Jewishness**. Boundaries, Varieties, Uncertainties. Berkeley: University of California Press, 1999.
- CRÜSEMANN, Frank. **Das Alte Testament als Wahrheitsraum des Neuen**. Die neue Sicht der christlichen Bibel. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2011.
- CRÜSEMANN, Frank *et al.* (Hg.). **Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009.
- CRÜSEMANN, Marlene. **Gott ist Beziehung**. Beiträge zur Rede von Gott. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2014.
- CRÜSEMANN, Marlene. Trost, Charis und Kraft der Schwachen: Eine Christologie der Beziehung nach dem zweiten Brief an die Gemeinde in Korinth. In: CRÜSEMANN, M.; JOCHUM-BORTFELD, C. (Hg.). **Christus und seine Geschwister**: Christologie im Umfeld der Bibel in gerechter Sprache. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 111-137.
- DEISSMANN, Adolf. **Licht vom Osten**. Das Neue Testament und die neuentdeckten Texte der hellenistisch-römischen Welt. Tübingen: [s.n.], 1909.



EHRENSPERGER, Kathy. Paul and the Authority of Scripture. A Feminist Perception. In: PORTER, Stanley E.; STANLEY, Christopher D. (ed.). **As it is Written**. Studying Paul's Use of Scripture. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008.

EHRENSPERGER, Kathy. **Paul and the Dynamics of Power**. Communication and Interaction in the Early Christ Movement. London/New York: T&T Clark, 2009.

HAACKER, Klaus. **Versöhnung mit Israel**. Exegetische Beiträge. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2002.

HEZSER, Catherine (ed.). **The Oxford Handbook of Jewish Daily Life in Roman Palestine**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HORSLEY, Richard A. (Hg.). **Die ersten Christen**. Sozialgeschichte des Christentums. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2007.

HOWGEGO, Christopher. **Geld in der antiken Welt**. Eine Einführung. 2. Aufl. Darmstadt: Verlag Philipp von Zabern, 2011.

JANSSEN, Claudia. Christus und seine Geschwister (Röm 8,12-17.29f). In: CRÜSEMANN, M.; JOCHUM-BORTFELD, C. (Hg.). **Christus und seine Geschwister**. Christologie im Umfeld der Bibel in gerechter Sprache. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 64-80.

JANSSEN, Claudia. Intersektionale Bibelanalyse und Gegenwart. **ZNT** 49, 2022. p. 107-121.

JEWETT, Robert. **Romans**. A Commentary. Minneapolis: Fortress, 2007.

KÄSEMANN, Ernst. Das Problem des historischen Jesus (1954). **Exegetische Versuche und Besinnungen**: Auswahl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986. p. 59-85.

KLEIN, Richard. **Die Romrede des Aelius Aristides**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981.

LOPEZ, Davina C. **Apostle to the Conquered**. Reimagining Paul's Mission. Minneapolis: Fortress, 2008.

MARTIN, Clarice J. Es liegt im Blick – Sklaven in den Gemeinschaften der Christus-Gläubigen. In: HORSLEY, Richard A. (Hg.). **Die ersten Christen**. Sozialgeschichte des Christentums. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2007. p. 251-270.

MAYORDOMO, Moisés. Konstruktionen von Männlichkeit in der Antike und der paulinischen Korintherkorrespondenz. **Ev. Theol.** 68. Jg. Heft 2, , p. 99-115, 2008.

MEYER, Rudolf. **Der Prophet aus Galiläa**. Studie zum Jesusbild der drei ersten Evangelien. Reprografischer Nachdruck der Ausgabe Leipzig 1940. Darmstadt: [s.n.], 1970.

NANOS, Mark D. **The Mystery of Romans**. The Jewish Context of Paul's Letter. Minneapolis: Fortress, 1996.

NANOS, Mark D.; ZETTERHOLM, Magnus (Hg.). **Paul Within Judaism**: Restoring the First-Century Context to the Apostle. Minneapolis: Fortress, 2015.

NEHRING, Andreas; TIELESCH, Simon (Hg.). **Postkoloniale Theologien:** Bibelhermeneutische und kulturwissenschaftliche Beiträge. Stuttgart: Kohlhammer, 2013.

REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA. **A Carta de Paulo aos Romanos.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 87, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/issue/view/613>.

REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA. **Imperialismos, Colonialismos y Biblia:** pistas para lecturas decoloniales. Quito, Ecuador: Verbo Divino, v. 82, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/82.pdf>.

REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA. **Jesús histórico.** Quito, Ecuador: Verbo Divino, v. 47, 2004. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/47.pdf>.

REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA. **Las voces originarias de Pablo.** Quito, Ecuador: Verbo Divino, v. 62, n. 1, 2009. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/62.pdf>.

REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA. **Lectura judía y relectura cristiana de la Biblia.** Quito, Ecuador: Verbo Divino, v. 40, n. 3, 2001. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/40.pdf>.

REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA. **Pablo de Tarso:** Militante de la Fé. Quito, Ecuador: CLAI, v. 20, 1995. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/20.pdf>.

RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e Economia Política: o jeito romano de organizar a casa. *In:* RICHTER REIMER, I. (org.). **Economia no Mundo Bíblico:** enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006. p. 72-97.

RICHTER REIMER, Ivoni. Todo Israel será salvo? Um estudo de Romanos 9-11. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, São Bernardo do Campo, v. 87, n. 2, p. 111-131, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15603/1676-3394/ribla.v87n2p111-131>.

RICHTER REIMER, Ivoni. Women Protagonists, border missionaries and violent and terrified military: translation, analysis and interpretation of Acts 16. *In:* DIEVENKORN; Sabine; LEVIN, Shaul (ed.). **[Re]Gained in Translation I: Bible, Theologies, and the Politics of Empowerment.** Berlin: Frank & Timme GmbH Verlag, 2022. p. 163-182.

SAFRAI, Shmuel. Oral Tora. *In:* SAFRAI, S. (ed.). **The Literature of the Sages.** Part 1: Oral Torah, Halakha, Mishna, Tosefta, Talmud, External Tractates (Compendia Rerum Iudaicarum Ad Novum Testamentum). Minneapolis: Fortress, 1987. p. 35-119.

SCHOTTROFF, Luise. **Der erste Brief an die Gemeinde in Korinth.** Theologischer Kommentar zum Neuen Testament. Bd. 7. Stuttgart: Kohlhammer, 2013.

SCHOTTROFF, Luise. Widerstandskraft. *In:* SCHAUMBERGER, C.; SCHOTTROFF, L. **Schuld und Macht.** Studien zu einer feministischen Befreiungstheologie. München: Kaiser, 1988. p. 88-124.

SMALLWOOD, E. Mary. **The Jews under Roman Rule from Pompey to Diocletian**. Leiden: E. J. Brill, 1981.

SÖLLE, Dorothee. Der Erstgeborene aus dem Tod. Dekonstruktion und Rekonstruktion von Christologie (1996), erneut abgedruckt. In: CRÜSEMANN, M.; JOCHUM-BORTFELD, C. (Hg.). **Christus und seine Geschwister**. Christologie im Umfeld der Bibel in gerechter Sprache. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 175-189.

SOUZA, Carolina B.; RICHTER REIMER, Ivoni; SCHUCHARDT, Ketlin. Métodos e Epistemologias Feministas nos Estudos de Religião. In: SILVA, Roberta A. da; FUNARI, Pedro Paulo A.; CARLAN, Claudio U. (org.). **Mulheres no Cristianismo Primitivo: poderosas e inspiradoras**. São Paulo: Fonte Editorial, 2022. p. 221-247.

STEGEMANN, Ekkehard W. Anpassung und Widerstand. Anmerkungen zu einer neuen imperiumskritischen Lektüre des Paulus. **Kul** 29. Jg. Heft 1, 2014. p. 4-17.

STENDAHL, Krister. **Der Jude Paulus und wir Heiden**. Anfragen an das abendländische Christentum. München: [s.d.], 1978.

TASCHNER, Johannes. Lehren/Lernen. In: CRÜSEMANN, Frank *et al.* (Hg.). **Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 348-353.

TAUBES, Jacob. **Die politische Theologie des Paulus**. 2. Aufl. Aleida Assmann *et al.* (Hg.). München: [s.n.], 1995.

WAGNER, J. Ross. **Heralds of the Good News: Isaiah and Paul, in Concert, in the Letter to the Romans**. Leiden: Brill, 2002.

WENGST, Klaus. **“Freut euch, ihr Völker, mit Gottes Volk!”** Israel und die Völker als Thema des Paulus – ein Gang durch den Römerbrief. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 2008.

WENGST, Klaus. **Pax Romana** – Anspruch und Wirklichkeit: Erfahrungen und Wahrnehmungen des Friedens bei Jesus und im Urchristentum. München: Kaiser, 1986.

**Recebido em:** 30 out. 2023.

**Aceito em:** 04 dez. 2023.